

Estudos de representações sociais sobre meio ambiente¹

*Edson A. de Souza Filho*²

Resumo

O objetivo deste trabalho foi apresentar algumas contribuições teórico-metodológicas para o estudo de representações sociais (RS) sobre o meio ambiente, focalizando sua aplicação na observação de identidades socioculturais de grupos envolvidos na construção do espaço urbano. Assim, foram adotados dispositivos denominados situações simuladas instigadoras, métodos de amostragem de identidade cultural e meta-análises. Foram reportados dois estudos: 1) re-

Abstract

The objective of this paper was to present some theoretical methodological contributions with regard to the studies about social representations (SR) concerning environment, focusing on their application in the observation of sociocultural identities of groups involved in the construction of urban space. Thus, devices called instigating simulated situations, cultural identity sampling methods and meta-analysis were adopted. Two studies were reported: 1) represen-

¹ Agradecemos o apoio recebido da FAPERJ, CAPES e CNPq.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro.

representações de si e de outrem a partir de desenhos e palavras de moradores de três bairros de Brasília definidos em termos espaciais e sócio-econômicos; 2) representações da cidade do Rio de Janeiro e seus moradores, segundo um recorte amostral étnico-racial e de análise proposicional de discurso (GHIGLIONE e BLANCHET, 1991)). Concluiu-se que é preciso repensar o tipo de interação pesquisador-pesquisado em estudos de R.S., num momento histórico em que populares ainda não dispõem de plena liberdade para usar discursos publicamente. Isso pode ser superado através de métodos de coleta não-verbais de expressões e linguagens.

Palavras-chave: representações sociais; situação simulada instigadora; meta-análise.

tations of oneself and others taken from drawings and speeches of inhabitants of three neighborhoods of Brasília defined in spatial and socioeconomic terms; 2) representations of the city of Rio de Janeiro and its inhabitants, according to an ethnic-racial sample and through a propositional speech analysis (GHIGLIONE & BLANCHET, 1991), leading to the conclusion that it is necessary to rethink the type of interaction between researcher-researched in studies of S.R. in a historical moment when low-class people still don't have gained complete freedom to talk in public. This handicap may be overcome through nonverbal methods of collecting expressions and languages.

Keywords: social representations; instigating simulated situation; meta-analysis.

Introdução

Esta contribuição diz respeito a alguns desafios da pesquisa de representações sociais (R.S.) relativas ao meio ambiente.

Consideramos que as sondagens de opinião pública, entre as quais as de R.S., têm importância crucial para o aperfeiçoamento da democracia. Nesse sentido, sabemos que a construção de instrumentos de sondagem passaram por intenso debate e questionamento. Alguns deles, como os *surveys*, foram aperfeiçoados, exigindo um mapeamento mais acurado da distribuição demográfica de cada sociedade. No caso do estudo de R.S., como se sabe, trata-se de conhecer os aspectos psicos-

sociais que contribuem para a gênese de conhecimentos particulares/grupais em sociedades multiculturais/multigrupais, entre os quais os referentes aos especialistas, que afetam a vida dos homens comuns, anônimos ou com uma história/cultura particular a ser considerada, nem sempre incluídos nos recortes amostrais de agências e grupos de pesquisa. Um dos pressupostos básicos do fenômeno de RS, apesar da abrangência do recorte adotado por Moscovici (1961/1976), é que ele é fruto, simultaneamente, do concurso do ambiente social e do próprio sujeito que exerce sua capacidade de conhecimento numa sociedade que se dinamiza e se emancipa de tradições, mais ou menos inconscientes, como em algumas coletividades iletradas. É o contato intercultural que permitiu a emergência do fenômeno de RS, mais freqüente no ambiente urbano e moderno. Sabemos que neste espaço de vida, são os grupos especializados e poderosos, incluindo organizações sociais que produzem simbolicamente a cultura e a política, que têm maior capacidade para impor-se socialmente, facilitando e tornando necessária a produção de RS que são, via de regra, formas de contraponto, paradoxo, em busca de autonomia. Esta situação afeta a todos os grupos e cria outro desafio para o pesquisador que pretende acessar esse universo subjetivo paralelo: num país onde existem tantos grupos oprimidos, em muitos aspectos, como realizar estudos de RS? Esta pergunta levou-nos a trabalhar formas de expressão diversas da escrita, tais como o desenho e a fala oral, e, posteriormente, à criação de “situações simuladas instigadoras”, procurando quebrar a forma de interação típica de pesquisa de opinião de “democracias de massa ocidental”, onde um entrevistador pergunta e um sujeito responde, mediante colaboração voluntária ou pagamento. Não cabe aqui aprofundar, como diria Milgram (1974), a discussão se a crença no conhecimento científico não acabará por falsear a expressão de valores e critérios do próprio sujeito face à instituição acadêmica e a ordem estabelecida, mas ela é crucial para compreender a natureza da relação pesquisador-pesquisado.

Ademais, seriam precisos aperfeiçoamentos nos procedimentos de análise de conteúdo e de discurso de modo a ultrapassar a tendência sempre presente entre muitos pesquisadores que trabalham com o senso comum de reduzir a mensagem comunicativa a um nível de significado simplificado e banal. É preciso sofisticar os procedimentos através de análise de forma, relativamente pouco utilizada, assim como a valorizar

mais os repertórios particulares. Ao lado disso, a meta-análise supõe algum tipo de elaboração de dados em que se pode inferir recortes maiores para a massa de dados a partir de indicações explícitas dos próprios sujeitos. Antes disso, o próprio instrumento de coleta deverá conter algum tipo de contextualização discursiva e social que ofereça pistas tanto para o sujeito quanto para o pesquisador. Quando Moscovici e Perez (1997) levantaram a hipótese de que concepções sobre a sociedade poderiam afetar as R.S. sobre o cigano, eles estavam fazendo esse tipo de procedimento. Parte da experiência mental/prática com o meio ambiente construído e natural é mediada por concepções a serem analisadas adequadamente, tanto no seu detalhe quanto no seu conjunto. Abaixo apresentaremos dois estudos empíricos realizados a fim de atingir os propósitos esboçados.

Metodologia

Estudo 1

O objetivo principal deste trabalho foi comparar representações sociais de três grupos de moradores de Brasília (DF) em relação ao espaço urbano e às relações intergrupais aí existentes. A escolha dos grupos foi feita em função de diferenciação geográfica e sócio-econômica, ou seja, em função de distância física entre si e nível de renda de cada grupo dentro da cidade (SOUZA F^o, 1995). Coletamos (n=220) desenhos livres sobre a cidade, respostas a respeito de familiaridade e informação objetiva a respeito de pontos dispostos em mapas geográficos de Brasília. Ademais, os sujeitos falaram sobre os moradores dos três grupos de local de moradia e bairros que prefeririam residir, caso pudessem. Outros dados foram coletados mas não serão mencionados aqui por falta de espaço. Os locais escolhidos foram o Plano Piloto, parte central da cidade, onde reside a população de classe média composta principalmente por funcionários públicos mais graduados da capital federal; em seguida, o Guará, com situação sócio-econômica intermediária, tanto geográfica (há vinte quilômetros da parte central) quanto de renda média; e, enfim, Ceilândia, distante cerca de 40 quilômetros do Plano Piloto, os moradores dispendo, então, de menores indicadores de renda da cidade. Os desenhos foram analisados em função de temas explicitamente veiculados e como sociograma intergrupar ampliado, que indicaram as principais tendências de relacionamento encontradas.

Estudo 2

Apesar de sofrerem, no Brasil, muitos infortúnios comuns, brancos (B) e negros (N) têm RS diferenciadas a respeito de assuntos como a cidade, local de moradia, moradores, entre outros, em função de vários aspectos sócio-culturais e teleológicos, a serem melhor conhecidos. Mesmo sabendo dos fenômenos de “branqueamento” na sociedade brasileira, consideramos que a cor da pele facilita processos de identificação grupal endógena e/ou exógena, no sentido de poder ser fruto de intenção do próprio sujeito, ou outros relevantes, de participar de um grupo psicossocial. Trabalhamos com depoimentos sobre experiências na cidade do Rio de Janeiro (SOUZA F^o, 1998) fornecidos por pessoas consideradas étnica-racialmente a partir da cor da pele, branca (n=5) e negra (n=5). Os sujeitos eram do sexo masculino, nascidos no Rio de Janeiro, operários, moradores de bairros pobres da mesma cidade. Tratam-se de depoimentos coletados por Wolff (1990), materiais sobre os quais aplicamos o método de análise proposicional de discurso (GHIGLIONI e BLANCHET, 1991). Tal método se distingue da análise temática convencional por enfatizar o material lingüístico encontrado na superfície do texto, sem reunir conteúdos segundo algum critério outro. Ademais, outros procedimentos adotados pelos mesmos autores consistem na especificação das articulações discursivas através de verbos situacionais/factuais/declarativos, além de formas de participação, tais como: agente (controla sua situação); experienciador (vive situação/estado); paciente (sofre a ação de outros sujeitos). As análises de conteúdo foram aplicadas a quantidades aproximadamente iguais de discurso oral, ou seja, uma página e meia para cada um dos sujeitos.

Resultados e discussão

Estudo 1

Sabemos que a construção das cidades brasileiras tendeu a reproduzir os padrões de exclusão política e material mais gerais da sociedade, o que foi acompanhado pela constituição de formas de ação e pensamento para reagir e superar as condições sociais vividas, implicando em estigmatização e desdobramentos psicossociais diversos. No caso de

moradores do Plano Piloto (PP), de classe média e situado na parte central da cidade, encontramos tendências de autocentração e papel de liderança urbana, ao passo que os moradores do Guará (como dissemos, considerado intermediário em termos sócio-econômicos e geográficos), desenharam o seu bairro em situação de aproximação com o PP, incluído por exemplo num mesmo quadrilátero imaginário, mantendo-se interligado às demais partes da cidade, e, enfim, os desenhos de Ceilândia, onde figuraram associados bairros periféricos, inclusive Guará, e separados do PP, que tendeu a aparecer engrandecido fisicamente.

Quando solicitados a falar sobre os moradores dos bairros, inclusive aqueles onde eles mesmos viviam, os de Ceilândia apresentaram mais auto-aceitação através de conteúdos “subjetivos” que os demais grupos, ao passo que os do PP tenderam a se referir mais à posição social de si e dos outros grupos de moradores, enquanto os do Guará se mostraram mais propensos a se auto-rejeitar que os demais grupos.

Em resposta à pergunta a respeito de possíveis similaridades e diferenciações entre os habitantes de Brasília, os do PP procuraram usar mais expressões de integração, ou seja, metáforas que buscam supragrupalidades imaginárias, tais como “são brasileiros, humanos ou trabalhadores”, ao passo que os dos outros ressaltaram diferenças externas e gerais, enquanto os de Ceilândia, enfim, tenderam a chamar atenção para diferenças internas, subjetivas de cada um, contrastando traços desfavoráveis para o extragrupo e favoráveis para o intragrupo, em situação de conflito intergrupual explícito (TAJFEL, 1981).

É preciso ainda dizer que, diante de um mapa do PP, os moradores de Ceilândia apresentaram um conhecimento relativo menor a respeito da parte central de Brasília, assim como também mencionaram nos desenhos menos temas relativos a monumentos e construções públicas existentes. Apesar do tempo de residência médio na cidade não ser diferenciado entre os moradores dos bairros pesquisados, o nível de conhecimento objetivo sobre o PP refletiu uma situação de exclusão forçada ou requerida em função das representações de si e de outrem, manifestadas por moradores desta parte da cidade.

Assim, uma abordagem apenas funcional dos fenômenos urbanos observados seria insuficiente para compreendê-los plenamente. Se o conhecimento objetivo da cidade é afetado pela divisão de trabalho e o

uso desigual do espaço urbano, ele é igualmente modulado pelas relações intergrupais, entre as quais as RS desempenham papel crucial. A desigualdade sócio-urbana geraria fenômenos de ruptura e auto-exclusão social de uns, assim como de busca de integração supragrupal compensatória de outros (habitantes do PP), quando por detrás existiria uma representação social baseada na posição social, parcialmente partilhada pelos do Guará, impedindo a emergência de conteúdos mais subjetivos e bloqueando a interação. Ou seja, as representações de uns são por assim dizer incompatíveis com as dos outros, e elas serviriam para impedir a comunicação e a troca.

Estudo 2

Supúnhamos que o engajamento com o local de moradia estivesse associado ao emprego do pronome nós, em detrimento de eles, por exemplo; assim como a mais referências ao próprio local em detrimento da cidade em geral. Por outro lado, esperávamos que a representação do sujeito engajado em ação urbana, assim como a de outros sujeitos minoritários, tendesse a estar associada a verbos que comunicam intenção de controlar a ação, e menos de vivência de situação ou de sofrer a ação de outros.

A leitura dos dados obtidos nos informou que o grupo negro apresentou diferenciação nos temas relativos aos bairros pobres, enquanto o branco preferiu falar mais sobre a cidade em geral. Ademais, os negros usaram mais que os brancos a forma pronominal nós ligada ao grupo dos bairros pobres, ao passo que os brancos empregaram mais um nós genérico sem grupo específico ou, em menor medida, relacionados às situações de trabalho, apesar de as entrevistas terem sido feitas na rua à queima-roupa.

Em relação às representações sobre os moradores da cidade, constatamos que os N apresentaram mais verbos que indicam ação relativos ao pronome nós, de minorias (crianças, mulheres, homossexuais, entre outros) e habitantes de favela do que os B; assim como as atitudes dos N em relação aos mesmos personagens urbanos e ao seu próprio grupo de identificação foram mais favoráveis ou neutras.

Para compreendermos os conteúdos obtidos, seria preciso remontar à história dos negros no Rio. Eles não foram plenamente incorporados ao mercado de trabalho depois do fim da escravidão e assim foram pratica-

mente obrigados a fundar as primeiras favelas da cidade. Daí em diante, eles organizaram as escolas de samba, beneficiaram-se da educação oferecida pelas escolas republicanas e, deste modo, prepararam-se para resistir à assimilação cultural, a partir da manutenção de práticas religiosas graças à resistência simbolizada pelas favelas. Para tanto, eles tiveram que mudar radicalmente as suas RS da cidade, de si mesmo e de outros grupos aliados nesse processo histórico. Aparentemente, a assimilação cultural é muito mais resultado da aceitação de uma auto-representação como um sujeito que precisa de outrem para realizar seus objetivos, ou que esquece de si a partir de supervalorização de outrem, em detrimento de valorização positiva de si. Talvez ainda mais importante para os N, foi preciso desenvolver uma visão mais particularizada do eu-grupal, ao invés de se inserir em multidões como “povo”, “nós-genérico”, entre outros.

Conclusões finais

As relações com o espaço urbano construído, natural ou não, são moduladas por representações de si e dos outros, facilitando/bloqueando uma série de práticas sociais com o mesmo. Assim, a dimensão *status* social como critério de representação da identidade sociocultural principal de grupos e indivíduos obriga o uso de um certo vestuário e outros objetos de consumo ostentatório, sem o qual não se pode ir a um museu ou equipamento público, menos mencionados pelos moradores de bairros periféricos de Brasília. Trata-se de reduzir outrem a uma dimensão externa material, impedindo o conhecimento cultural e psicossocial do outro, reforçando exclusões sociais. Para superar tais efeitos, os moradores dos setores do Plano Piloto de classe média da mesma cidade preferiram usar metáforas de integração, como dizer que os da periferia são brasileiros, trabalhadores ou humanos, assim como no estudo do Rio os brancos empregaram os termos “povo” e “nós-genérico”. Por outro lado, os grupos que vivem na periferia e que não podem partilhar a linguagem “classista” dos outros setores da cidade, manifestaram-se de modo a enfatizar a auto-exclusão ou ruptura, o que contrasta com a linguagem de integração usada por sujeitos de setores mais privilegiados, como se ela fosse superficial, inconseqüente para a realidade dos fatos. Assim, em ambos os estudos relatados foram observados tendências de

busca de autonomia a partir de adoção de linguagens particulares para tratar de si mesmo e de outrem, merecendo mais estudos. Enfim, o campo de estudo de R.S. está a exigir um aprofundamento, possivelmente através de melhor articulação com outros fenômenos/teorias, como os de influência social ou de relações intergrupais. Trata-se de trabalhar simultaneamente com vários sujeitos e objetos sociais para uma correta apreensão do fenômeno de RS de modo a permitir um enriquecimento da TRS. Nesse sentido, será então possível se referir à dimensão “contexto discursivo” da produção de RS, ao invés daquelas relativas aos processos intragrupais ou intratextuais, mais enfatizadas ultimamente.

Referências bibliográficas

GHIGLIONE, R. e BLANCHET, A. *Analyse de contenu et contenu d'analyses*. Paris: Dunod, 1991.

MILGRAM, S. *Soumission à l'autorité*. Paris: Calmann-Levy, 1974.

MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image et son publique*. Paris: P.U.F., 1961/1976.

MOSCOVICI, S. e PEREZ, J. A Representations of society and prejudices. *Papers on social representations — threads of discussion*, n. 6, p.27-36, 1997.

SOUZA Fº, E. A de. Brasília segundo seus moradores. *Humanidades*, n.41, p.51-59, 1995.

SOUZA Fº, E. A de. Discursos y prácticas socio-urbanas en Rio de Janeiro. *Revista de Psicologia Social*, n.13, v.1, p.93-105, 1998.

TAJFEL, H. *Human groups & social categories*. Cambridge: C.U.P., 1981.

WOLFF, F. *Rio de Janeiro: um retrato*. Rio de Janeiro: Fundação Rio, 1990.